DISCURSO DE POSSE (*)

Waldery Magalhães Uchoa

Haverá, porventura, um cultor das letras que não cobice a glória, e mais do que a glória e mais do que o renome, não aspire à felicidade que é o sonho maior do desejo humano?

Oscila a ambição da sorte de acôrdo com as inclinações e as variantes de cada vida na longa peregrinação a que todos nós estamos sujeitos, ao **mare magnum** dos caminhos que se cruzam.

Uns desejam a riqueza; outros lutam pela popularidade. Há os que sonham com o domínio do mundo; os eleitos de Deus se contentam com a humildade; muitos buscam o triunfo dos ideais revolucionários, que os transformam em mártires e heróis; a vaidade, o orgulho e o poder conquistaram legiões e não são poucos, ainda bem, os que encontram a alegria da vida nas vocações que estimulam para o sublime apostolado das letras e para o fecundo labor das ciências e das artes.

Colocando os meus sonhos nos devidos limites, aspirei, como o bem mais alto de minha vida, a vossa ilustre e honrosa companhia.

Aqui estou, entre vós, para ocupar a cadeira nº 12, eleito por unanimidade, atendendo ao vosso chamado.

Já que ouvistes o meu apêlo, já que sentistes o meu anseio, já que a vossa generosidade colocou diante de minha vida, tôda ela de trabalho e de perseverança, a magnífica beleza e o encanto sem par dos umbrais do vosso templo, eis que me quedo, agradecido, e vos prometo honrar, para enobrecer e elevar, as mais caras tradições de cultura do vosso sodalício, cidadela espiritual das letras cearenses.

Confesso-vos que sinto conturbado, pois da luta insana já me reponta o cansaço, embora ainda não me sangrem os pés e os cabelos brancos ainda não me enobreçam a luta da escalada.

(*) **Pronunciado em sessão solene do Instituto do Ceará, realizada a 20-3-1957**

Atingindo a cumiada da montanha, vejo a luz que aqui lampeja, trêmula embora, mas sempre imortal como a própria sabedoria, sempre límpida como a própria ciência de Heródoto.

Sinto que cheguei ao fim da jornada, e da longa caminhada percorrida já diviso as almenaras do vosso soberbo monumento, outrora erguido pela erudição do fundador desta Casa, o douto Barão de Studart, hoje, consolidado pelo saber profundo de Thomaz Pompeu Sobrinho e onde pontificam, numa festiva madrugada de luz, em cintilantes faiscações, as jóias mais caras, as vocações mais positivas da cultura do Ceará.

Não tenho sido estranho às vossas tarefas, ao vosso labor, por isso que possuo, com desvelado orgulho e legítima vaidade, tôda a coleção magnífica da vossa Revista, raridade bibliográfica, manancial riquissimo e admirável da formação histórica da nossa Província. Guardo, com carinho, jubiloso de possuir, as monografias que o Instituto vem publicando, e que estão se constituindo numa tarefa jamais igualada por nenhum outro Estado do Brasil.

Amiúde, diuturnamente, chegava-me mais e mais ao Instituto do Ceará, numa prova irretorquível da minha elevada admiração a tudo quanto de útil e de proveitoso se produz nesta Casa no afã de tornar mais conhecidos os fastos da nossa formação social e política, como queridos e louvados os nomes tutelares da nossa cultura.

Afinal, aqui me tendes. Estou convosco.

Reza a lenda que um bravo caçador chamado Alfeu morria de amôres pela ninfa Aretusa. Para não lhe corresponder, Aretusa conseguiu, da deusa Diana, transformar-se numa encantadora fonte. Alfeu não se deu por vencido e invocou, a seu favor, deuses poderosos. Metamorfoseou-se em rio e foi ter ao mar imenso, unindo-se à sua eleita.

A mitologia ofertou-me um dêsses manes famosos e legendários. E, sob o seu mágico poder, uniu-me a todos vós.

Renato Braga, um dos mais ilustres consócios, cuja esplendente oração foi um hino imerecido a minha modesta projeção intelectual, bem que poderá ser tido e havido como o nume tutelar que teceu o sublime milagre, por mim tão ansiado.

É curial e clássico, em solenidades como esta, que o recipiendário dirija as primeiras palavras dando graças à elevada distinção que lhe foi outorgada pelo colégio ilustre.

Confesso-vos, mais uma vez, que cumprindo o vosso ritual, indo ao encontro da vossa tradição, faço-o com sinceridade, espontâneamente, de todo o coração, com efusiva alegria, já que me concedestes partilhar convosco do supremo bem da eucaristia cívica dos vossos ideais.

Senhores, eu me confesso grato.

—: ✡ :—

Quem observar uma carta geográfica do Ceará, há-de verificar, à primeira vista, que o nosso grande Estado tem o seu imenso território dilatado à proporção que as suas terras penetram para o interior continental.

A sua configuração, o seu contôrno, dá-nos, assim, a idéia de um gigantesco coração encravado no mapa do Brasil. É o destino da terra e do povo aí retratado: viver pelo sentimento.

Esta grande faixa geográfica é o sertão carregado, misterioso, de lindas noites estreladas, mudo e inexplicável.

A sua extensão territorial supera, em amplitude dadivosa, países e nações que outrora estenderam o seu poder e o seu domínio sôbre áreas sem fim.

O viajor que demandar a vasta hinterlândia cearense de logo vai notando que o sertão abrupto conquista altura à proporção que se distancia da orla marítima, do litoral caprichosamente sonhador.

O cenário, então, enorme, vasto, impressionante mesmo, oferece-nos duas paisagens já decantadas por quantos tiveram a ventura e a audácia de sentir-lhe o destino, destino heróico e bravio, ora rude nas soalheiras tremendas, ora encantador nas invernias copiosas.

Quando atravessamos os vales, os socalcos, os chapadões, as extensas planícies do Ceará na plenitude do verão, tudo é agreste, tórrido, acinzentado e o mormaço asfixiante traz, aos nossos olhos, o painel tristíssimo e desalentador do deserto. É a hora do supremo sacrifício. A hora dos fortes, dos rijos e dos bravos, cujo gabarito moral realça o próprio drama centenário.

Ao volvermos, logo mais, pelo mesmo caminho, seguindo a mesma trilha, cortando a mesma estrada arenosa antes palmilhada, eis que se nos depara algo que nos seduz, que nos alegra, que nos encanta.

É o sertão florido e verdejante, virente e viçoso, com os seus prados atapetados de um verde vivo que deslumbra. É a hora dos que celebram a vitória do domínio da estiada pela queda da linfa bendita. Ainda é a hora dos fortes e dos rijos na aleluia magnífica da natureza em flor. É a ressurreição da gleba.

Mas, caprichando ainda mais, o Supremo Criador cingiu a nossa terra de um colar de altas serranias, cordilheira admirável, circular que se inicia, em amenos aclives, na borda ocidental da Serra da Ibiapaba, cujo acesso, **ex-abrupto**, até o Boqueirão do Poti, caminha para as bandas do sul até as vertentes da famosa Serra dos Bastiões, donde baixa, para, mais além, erguer-se com a deominação de Serra do **Araripe**.

Nestes rincões privilegiados a natureza vive em festa, enflorada, exuberante, vicejante, dispondo de clima excelente e limitando o Ceará de outras e de outras gentes, parecendo um obstáculo, uma barreira enorme erguida pelos séculos no resguardo dantesco da luta

contenária de uma raça. Daí se divisa, então, muito ao longe, o anfitcatro de heróis e de desbravadores.

Cortando a terra imensa, abrindo caminhos sinuosos em tôdas as direções, o Ceará recebeu a dádiva de suas bacias hidrográficas, comandadas pelo soberbo e arrogante Jaguaribe, Banabuiú, Curu, Acaraú e tributários, muitos dos quais continuam desafiando o pulso dos engenheiros do Brasil e o patriotismo dos nossos homens públicos.

Matizando, porém, o contôrno do **fácies** geográfico, emprestando mutabilidade completa ao meio físico, as terras do Ceará apresentam uma impressionante topografia.

Ora divisamos o litoral vastíssimo, que vai do Morro do Tibaú à Ponta de Jericoacoara, ora nos deparamos com as várzeas jaguaribanas, capazes de produzir o melhor algodão do mundo; ora estamos diante do vale do Acaraú ou nos planaltos dos Inhamuns, regiões diversas tôdas elas, mas sempre ferazes, desde que não lhes falte a água, como, no final, a majestade comovente do Cariri, o oásis fertilíssimo que dormita à sombra acolhedora da Serrania, conclamando técnicos e pioneiros dêste belo País para a jornada de uma grande civilização.

É o meio físico, é a terra, é o chão, a expressão geográfica, em todo seu belo matiz, na coloração dos seus contornos.

O teatro é imenso e para que se retrate o homem que nêle luta e vive, para se ter uma idéia precisa, sem rebuços, do grupo social que nêle se agita, bastará seguir o princípio do mestre: "Descreva-me uma região e descrever-lhe-ei o tipo que nela habita". E, ainda mais: "O meio rege, condiciona e determina os métodos do seu aproveitamento pelo homem".

Frederico Ratzel deu-nos a máxima: "Cada povo traz consigo as marcas do seu país".

Na paisagem física, acima debuxada, note-se-lhe, ainda, a vida vegetal e animal escassa, influenciada pelo meio ambiente, pelas condições climatéricas, responsáveis por uma flora e uma fauna sumíticas.

Mais da metade do nosso território é coberto pela vegetação rasteira, mirrada, a caatinga, que não dá frutos, nem sombra e nem madeirame. Verdejante nas quadras das boas águas, acinzentada e esquelética ao calor sufocante dos verões abrasadores.

Aqui, reponta o Sabiá, a Aroeira, o Pereiro, o Pau Branco, a Umburana, o Cumaru e o Juàzeiro sempre frondoso, acolhedor, nota de alegria e de esperança ao viajor de longas caminhadas...

Acolá, a Canafístula, o Jatobá, o Gonçalc Alves, a Timbaúba, o Faveleiro, a Ingàzeira, o Mulungu e a Oiticica, sempre posta à margem dos córregos, com as suas assombrações e visagens do outro mundo...

Mais além, para o alto da serrania, o Pau-d'Arco, o Piquiá, a Aroeira, o Coração de Negro, o Torém e a Maçaranduba, madeira de lei...

Fechando o ciclo maior da nossa vegetação, vamos encontrar o Oiti, a Pitombeira, o Jenipapeiro e a Imbaúba, tudo isso sob o cetro, sob o reinado da Carnaubeira, a árvore sagrada da vida, espalhada pelas várzeas do Ceará como um exército enorme, sem fim, com o seu porte esbelto, com as suas fôlhas flabelando sempre ao doce embalo dos ventos que sopram do Aracati...

No cimo desta vegetação, tìpicamente nordestina, rareando cada vez mais, o Gavião Tesoura, o Caboré, o Urubu-Rei, a Arara, o Papagaio, o Sabiá, o Corrupião, o João-de-Barro, o Canário da Terra, o Bem-te-vi, o Vem-vem, a Rolinha, o Azulão e a Graúna.

Vagando pelas restingas, pelos arroios e pelos regatos, sumidos nos sacos das serroteiras, o Tamanduá Bandeira, o Tatu, o Veado, o Coandu, o Mocó, a Rapôsa, o Guaxinim, o Gato Mourisco, a Guariba, o Preá e o Casaca Preta.

Dos grandes animais, nenhum. Apenas a onça, o mais bravio, o mais feroz, já quase desaparecido de todo, nestes vastos e ignotos sertões do Ceará.

—: ☆ :—

Em traços rápidos, em linhas gerais, eis o meio, o **habitat** em que o homem nordestino, o homem cearense, antes de tudo um bravo, na segura expressão de Euclides da Cunha, iria peregrinar desde a trágica caminhada de Pero Coelho de Sousa ao martírio de Tristão Gonçalves no sublime sacrifício de Santa Rosa, em defesa da Liberdade.

Da colonização até aí, um tipo de luta. Do primeiro quartel do seculo dezoito aos nossos dias, outra batalha, diferente sim, mas sem deixar de ser a última operação para a conquista definitiva da terra bravia e agressiva.

De lá para cá, o domínio da terra estava selado. Depois de fatos históricos de maior transcendência, após vadeados rios e abertas as clareiras, depois de fundadas as povoações heróicas, com as suas cêrcas de pau-a-pique, passados os encontros que tingiram de sangue o solo perigoso e adverso, a luta principiou sob outros aspectos, dentro de novos ângulos, sob novos anseios e cuja maior expressão seria a transfiguração da paisagem geográfica com os açudes, os canais de irrigação, as estradas, as culturas agrícolas intensivas, a educação do povo, a defesa das instituições políticas tradicionais, e, mais do que isso tudo, o reclamo forte e viril do aproveitamento das energias adormecidas com as indústrias da energia elétrica e do beneficiamento das riquezas minerais.

Do entrechoque, da reação, do comportamento do grupo huma-

no ante o agressivo da natureza que lhe serviu de habitat, foi que se ofereceu ao Brasil a mais impressionante página de antropogeografia. O cearense soube, com a energia dos seus músculos, amoldar aos seus superiores ideais de cultura e de civilização todo um meio-ambiente hoje transformado em seara de opimos frutos.

Permiti que vos afirme: Afora alguns trabalhos esparsos de pesquisadores e idealistas, ainda nos falta aquêle estudo somático, geo-psicológico de tôda esta deslumbrante região, de tôda esta epopéia vivida em nosso meio na busca incessante da sobrevivência.

Sobra-nos o desdém, aplacado sòmente nas quadras eleitorais, quando por aqui perambulam os poetas e visionários cantando os nossos feitos. Mas falta-nos o estímulo, falta-nos a admiração por esta soma fantástica de divisas que lançamos à ganância nacional, ávida de lucros fáceis para o sustento da civilização epicurista, fictícia e inoperante das grandes capitais.

No caldeamento da raça, no entrechoque das paixões, na luta insana pelo domínio da natureza inóspita, ao sabor dos dramas políticos e sob o desejo incontido da cobiça, ao correr de quatro séculos, há material farto, abundante, interessantíssimo para as pesquisas de ordem antropogeográfica e que estão aí clamando pelos nossos estudiosos a fim de que, de uma vez por tôdas, tenha a Nação conhecimento do que fomos, do que valemos e do que poderemos ser.

Dinamizar êstes estudos, atualizar as pesquisas, instituir laboratórios de investigações sociais, delinear planos, levantar estatísticas precisas proceder a observação **in loco**, andar, peregrinar, vê com os próprios olhos, sentir com o próprio coração, meditar **de visu**, vadear o Estado em todos os sentidos, em tôdas as latitudes, prescrutar-lhe a alma e as tradições, usos, costumes, maneira de viver, de adaptar-se, eis o labor fecundo, mais elevado, muito mais alto do que os estudos sòmente de gabinete, incompletos às vêzes, falhos e, porque não dizê-lo, prejudiciais ao nosso destino histórico, ao papel que nos está reservado na conjuntura nacional.

Aí estão as duas clareiras abertas no mundo dos conhecimentos geográficos com os dois mestres incomparáveis: de um lado, Frederico Ratzel, já citado, orientador da escola alemã, determinista, com aquêle seu pensamento famoso: "O meio rege, condiciona, determina os métodos do seu aproveitamento pelo homem".

Do lado oposto, a escola possibilista, menos atrevida: "O homem é agente ativo e não passivo, mesmo quando recebe as imposições do meio". Vidal de Lablace, Lucien Fèbvre, Jean Brunhes e Camille Valoux estudaram povos e nações, amiúde, retratando-os com absoluto sucesso dentro dos novos princípios das investigações sociais.

A nós, todavia, cumpre-nos seguir, ao lado da experiência e dos conhecimentos dos grandes mestres, a pragmática da escola americana: "Para o estudo dos grupos sociais, temos de recorrer às esta-

tísticas, aos índices de freqüência, ao levantamento de mapas regionais que indiquem o progresso em bases seguras e práticas".

Vale ressaltar que, nos Estados Unidos, a geografia humana perde o seu caráter descritivo para se tronsformar em ciência objetiva cujo principal estudo é o da vida orgânica. Ganham terreno as pesquisas, as monografias sôbre problemas demográficos e econômicos naquele país amigo.

Com o triunfo da técnica em todos os ramos das atividades grupais, claro que a vida vai se tornando mais artificial e o grau de civilização de um grupo bem que pode ser medido pelo grau de independência dêste mesmo grupo diante da influência das fôrças da natureza.

Não há dúvida de que o homem moderno, em vez de temer a natureza, passa a dominá-la, condicionando-a às exigências de sua vida, de suas necessidades.

—: ☆ :—

O Ceará, malgrado as dificuldades com que lutam os seus estudiosos, mesmo diante da adversidade, da incompreensão do meio, que sòmente agora desperta para a batalha do conhecimento da terra e do homem, oferece já alguns estudos de inestimável valor no que toca à descrição do **habitat** e dos seus povoadores.

Há notícia de trabalhos importantes: "Ensaio Estatístico da Província do Ceará", do grande Senador Pompeu: "Corografia da Província do Ceará", José Pompeu Cavalcante, 1888; "Aspectos da Natureza Cearense", Joakim de Oliveira Catunda, 1918; "Província do Ceara — Notas de Viagem", Antônio Bezerra de Menezes, 1889; "Dicionário Histórico, Geográfico e Descritivo do Ceará", Álvaro Gurgel de Alencar, 1903; "O Vale do Jaguaribe", Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, 1921; "Anuário Estatístico do Ceará", 1916 a 1930, Guilherme de Sousa Pinto.

Com mais atualização, enumeremos os seguintes:

"O Ceará no Centenário da Independência do Brasil", obra notável, escrita por Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, incontestàvelmente o mais rico repositório da geografia cearense, dois grossos volumes, com mais de mil páginas, roteiro profundo e substancioso, publicado em 1922; "Fatôres Geográficos da Autonomia Nacional", trabalho de vasta erudição, de autoria do nosso estimado Presidente, Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, e, ainda dêsse mesmo autor: "O Problema das Sêcas no Ceará", 1916; "A Indústria Pastoril do Ceará", 1917; "A Produção do Ceará", 1918; "Chuvas no Ceará", 1923; "Fixação do Homem no Nordeste", 1927. Seguem-se, ainda, "Nas Fronteiras do Nordeste", de Joaquim Alves; "O Outro Nordeste", de Djacir Menezes, 1937; "Plantas do Nordeste, Especialmente do Ceará", Renato de Almeida

Braga, 1953; "Água e Solo no Polígono das Sêcas", Guimarães Duque, 1950 e "Notas a Lápis", de D. Antônio de Almeida Lustosa, 1950.

Ressaltem-se, por igual, estudos, observações, monografias e artigos que trazem a chancela de José Waldo Ribeiro Ramos, Francisco Alves de Andrade, Denizard Macedo, José Bonifácio de Sousa, Augusto Benevides, Afonso Banhos, José Luís de Castro, Hugo Catunda, Florival Seraine, Álvaro Bomílcar, Rodolfo Teófilo, Raimundo Girão, Antônio Martins Filho, Plácido Castelo, Mozart Soriano e muitos outros estudiosos dos nossos costumes e da nossa geografia.

Enfim, é farto o material acumulado, é bem longa, já, a clareira aberta pelos estudiosos da antropogeografia e ciências afins, faltando apenas dar-lhes aquela direção imprimida pelo Instituto do Ceará aos estudos históricos, quando deliberou lançar, à luz da publicística, as suas monumentais monografias, algumas das quais já consagradas pelo público cearense e pela crítica nacional: "História Militar do Ceará", de Eusébio de Sousa, de saudosa memória; "História da Literatura Cearense", Dolor Barreira; "História das Sêcas", Joaquim Alves de Oliveira; "História Econômica do Ceará", Raimundo Girão, e a "Proto-história Cearense", de Thomaz Pompeu Sobrinho.

—: ☆ :—

Urge, pois, lançar o plano da Geografia Geral do Ceará, competindo a êste Instituto editar monografias tanto quanto completas sôbre Geografia Física, Geografia Biológica, Geografia Política e Geografia Econômica, sem dúvida alguma a mais reclamada para os nossos destinos.

Conclama os homens de saber do Ceará a nossa realidade econômica. Esquecido durante muitos anos, pôsto de lado nas cogitações da alta administração nacional, o Nordeste, de modo especial o Ceará, lançou ao País o grito supremo: — "Cairemos como mártires, mas nos levantaremos como heróis" e o Brasil inteiro ficará estarrecido diante da bravura dos nossos filhos.

Aí está, para a glória dos nossos antepassados, para orgulho dos que hão de vir, para o apanágio dos nossos filhos e dos nossos netos, o colosso enorme dominado pela mão do homem, na transformação milagrosa da terra selvagem e inóspita em celeiro magnífico.

O brasão maior do Ceará é o trabalho, é a perseverança, é o ideal que alumia, é a crença que remove montanhas.

Não importa que os seus filhos povoem outros Estados do Brasil, que lhes alarguem as fronteiras econômicas com o labor dos seus braços de Prometeu. A nossa vitalidade é inesgotável.

Não importa que nos dêem migalhas, enquanto abastecem com a cornucópia das facilidades administrativas outras terras e outras gentes.

Não importa a adversidade das longas estiadas, crestando a terra, eliminando a colheita.

Nada disto importa, porque mais alto é o supremo poder de crença do cearense, o homem mais forte e mais bravo do mundo.

Um dia, que já não tarda, se escreverá, com serenidade e com segurança, sôbre todo êste vasto mundo apaixonante que é a terra e o povo do Ceará. Hão de surgir os cientistas para a devida interpretação da evolução histórica, social e econômica do Nordeste.

Senhores, meus caros consócios, permiti que vos convoque para a grande e louvável tarefa: dar ao Ceará uma Geografia Humana à altura das suas aspirações e dos seus foros culturais.

—: ☆ :—

Ilustre Companhia:

Eleito para uma das novas cadeiras criadas, recentemente, pelo sábio colégio, não me seria permitido, como é óbvio, dissertar sôbre uma das vossas vidas ilustres, já desaparecidas e aqui lembradas sempre ao doce convívio espiritual da inteligência que fulgura e que evoca, muitas vêzes.

Em traços gerais vos expus algumas idéias sôbre o nosso **habitat**, onde repousam as nossas tradições de luta, onde reponta o nosso futuro promissor.

Cremos que melhor homenagem não vos poderíamos prestar, já que nesta Casa se sente, vivo e palpitante, fremente de ideal, o coração purpurino e generoso do Ceará.

Sejam, pois, minhas últimas palavras alçadas a Deus para que Êle derrame as suas bênçãos e as suas graças sôbre esta notável instituição, tão útil a nossa terra, tão honrosa para os nossos foros culturais.

E, terminando esta breve oração, permiti que relembre, como numa profissão ardente de fé, o pensamento do velho e querido monarca:

"Eu desta glória só fico contente porque
Amei a minha terra e a minha gente".

—: ☆ :—

Muito obrigado!